



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Artes Cênicas - CEN

**TEATRO NA ESCOLA:
Alguns de seus possíveis desdobramentos**

Renato Miguel

Brasília
2017



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Artes Cênicas - CEN

**TEATRO NA ESCOLA:
Alguns de seus possíveis desdobramentos**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Cênicas, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof(a) Dr (a). Ângela Barcellos Café

Brasília
2017

Renato Miguel

**TEATRO NA ESCOLA:
Alguns de seus possíveis desdobramentos**

Banca examinadora:

Prof. Dra. Ângela Barcellos Café (Orientadora).

Soraia Silva (Membro interno).

Ana Agra (Membro interno).

Brasília – DF
2017

Família, Amigos e Professores

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, especialmente a todos aqueles que me ajudaram diretamente a concretizar esse trabalho e que me acompanharam durante essa jornada.

A minha família, distante e perto.

A Assistência Estudantil da Universidade de Brasília que me permitiu chegar até aqui.

A todos os professores do Departamento de Artes Cênicas e da Faculdade de Educação.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, “Teatro na Escola: Alguns de seus possíveis desdobramentos”, tem como tema geral a importância do fazer teatral e suas potencialidades no ambiente escolar. Especificamente objetivou-se identificar a importância de uma vivência criativa e lúdica e os amplos aportes que são desenvolvidos na presença de jogos teatrais na escola, explanando as dificuldades encontradas na realização das atividades na escola e nos estudantes. Para alcançar esse objetivo foi analisado, enquanto relato de experiência, a vivência em duas escolas da rede pública de ensino, o Centro de Ensino Fundamental 405 Sul e o Centro de Ensino Fundamental 316 Norte, com enfoque no 6º ano do ensino fundamental. Como aporte teórico-metodológico foram utilizados a observação participativa e revisão de literatura. Pretendeu-se assim apontar as potencialidades dos jogos teatrais lúdicos para a sociedade e os indivíduos como um todo no contexto da educação e nos processos de aprendizagem. A partir das análises observou-se potencialidades positivas do uso de jogos teatrais lúdicos para o desenvolvimento de aprendizagem dos estudantes como um todo, por estimular o desenvolvimento intelectual, pessoal e social dos indivíduos.

Palavras Chaves: Jogos teatrais; Ludicidade; Teatro na escola; Ensino/Aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PANORAMA GERAL	10
2. PRINCIPAIS ATIVIDADES E ALGUMAS REAÇÕES OBSERVADAS.....	16
3. JOGO E TEATRO E LUDICIDADE NA SOCIEDADE E NA ESCOLA	22
4. SOCIABILIDADE, HABILIDADES INTERPESSOAIS.....	29
5. MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO HUMANO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
WEBGRAFIA	37

INTRODUÇÃO

Durante os períodos que estive em sala de aula observei diversas características comuns entre os estudantes, mesmo de escolas com bases e perfis bastante diferentes, e mesmo de faixa etárias e de classes sociais distintas. Vi na maioria desses estudantes um enrijecimento natural para a realização de exercícios iniciais de improviso e de jogos teatrais, e, sobretudo, nas manifestações lúdicas ocasionais, que são um fator importante para a realização completa das atividades.

Considero importante esta verificação, pois a partir da visualização deste fenômeno, o fato de que a maioria dos estudantes tem dificuldades para realizar atividades cênicas, nos permite pensar em progressões e elaborar técnicas que sejam condizentes com a realidade observada.

Considerando essas questões e com o suporte de outras pesquisas pretendo, de maneira geral, estudar o que o fazer teatral pode proporcionar às pessoas e principalmente a sua aplicação no ambiente escolar. Em específico, proponho compreender como funciona a educação artística e algumas das suas influências sociais e pessoais nos estudantes, e evidenciar as situações que atingem diretamente a realização artística dentro da escola, seja no espaço físico ou no pensamento geral dos envolvidos.

Desta forma, o objetivo do estudo é observar a importância de uma vivência criativa e lúdica e os amplos aportes que são desenvolvidos na presença de jogos teatrais na escola, explanando as dificuldades encontradas na realização das atividades na escola e nos estudantes, com enfoque em duas escolas e no 6º ano do ensino fundamental anos finais.

Sendo assim, a partir de um relato de experiências de algumas das atividades realizadas em sala de aula, pretendo estudar as contribuições que uma vivência com jogos teatrais dentro da escola pode proporcionar para o desenvolvimento humano, social e cultural, e na formação pessoal das potencialidades individuais dos estudantes. Propõe-se também analisar alguns dos aspectos e constituições gerais da escola e dos estudantes, suas opiniões sobre as atividades e o que estas significam para eles.

Optou-se assim como suporte metodológico uma abordagem qualitativa com base no Relato de experiência. Como instrumental-metodológico usou-se a observação-participativa e revisão bibliográfica para a coleta e análise dos dados. No primeiro capítulo pretendo discutir sobre o panorama geral da arte na escola, apresentando algumas observações a respeito do perfil dos estudantes e constatações sociais a respeito da arte na escola e na sociedade.

A seguir, apresento no segundo capítulo algumas das atividades realizadas na escola, exemplificando os exercícios que foram propostos e suas motivações. A questão dos jogos em si, as possíveis graduações e adaptabilidades nos exercícios foram aspectos bastante considerados.

A partir do que foi realizado anteriormente, no terceiro capítulo proponho uma análise dos jogos teatrais realizados em sala de aula, debatendo a importância dos jogos para as sociedades e para a cultura, considerando que historicamente os jogos sempre foram relevantes para as sociedades e adotaram um papel essencial na constituição do ser humano.

No quarto capítulo apresento as contribuições dos jogos teatrais na educação que podem ser muito boas para o desenvolvimento da pessoa como um todo, considerando que sua prática saudável pode favorecer a constituição de uma pessoa de uma forma bastante diversa e positiva, em termos de integração social e desenvolvimentos pessoais, sendo um papel positivo para indivíduos que vivem em uma sociedade tão diversa quanto a nossa.

E é interessante notar também o quanto o fazer teatral é neurologicamente uma atividade que possui capacidade de estimulação, possibilitando o desenvolvimento da inteligência de forma ampla e criativa, sendo estes objetivos de uma educação que vise educar as pessoas para serem conscientes de si e do mundo ao seu redor. É sobre esse tema que se trata o quinto capítulo.

Ao fim há as considerações finais que apresento as observações gerais do trabalho, considerando-as bastante otimistas, pois de acordo com os estudos, quando a atividade teatral é realizada de forma envolvente, pode ser um exercício bastante estimulador para o desenvolvimento pessoal e social das pessoas.

1. PANORAMA GERAL

José Simões em *Reflexões acerca do Estágio Curricular na formação do Professor Licenciado em Teatro*, artigo onde ele aponta algumas dificuldades e implicações das aulas de artes dentro da escola, principalmente as aulas de teatro, diz que: “O estágio funciona, a nosso ver, como um modo de vivenciar e refletir acerca do nosso tempo e, também, discutir os processos de formação e o ofício docente.” (2012, p. 18).

Reconheço nessa fala um caminho que pretendo desenvolver neste texto, pois antes de falar sobre as atividades teatrais trabalhadas é importante levantar algumas constatações sobre as escolas e os estudantes e debater sobre a presença das aulas de arte e teatro dentro das escolas e em algumas de suas implicações. Para embasar e exemplificar a proposta da pesquisa vou utilizar minha vivência acadêmica/escolar durante o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência)¹, que é um programa que visa inserir, iniciar e possibilitar uma experiência de troca e desenvolvimento educativo de docência de forma prática, colocando o estagiário na escola, em contato direto com a educação. E também vou utilizar minha experiência escolar na matéria de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 2, que é uma matéria acadêmica de estágio que visa dar uma experiência prática de docência. Em cada um desses estágios eu trabalhei em uma escola diferente, e as escolas onde foram desenvolvidas as atividades que serão descritas são:

A primeira escola é o Centro de Ensino Fundamental 316 Norte, onde estagiei no segundo semestre de 2014 pelo PIBID. As turmas que participei com o projeto tinham uma média de 25 estudantes por turma, sendo que 70% eram do gênero masculino e 30% eram do gênero feminino, e uma faixa etária média de 14 anos, atrasados dentro da grade normativa do ensino fundamental, mas todos faziam parte da classe de aceleração de ano, o CDIS (Classe de Distorção Idade/Série), projeto governamental para acelerar estudantes que estão atrasados dentro da grade normativa idade/série de ensino, fazendo com que estes façam dois anos escolares em apenas um ano. A frequência de estudantes nas aulas era de 15 estudantes, o que é 60% da presença total, uma frequência nas aulas e na escola considerada como baixa, mas considerando que a maioria destes estudantes vinha de regiões administrativas do

¹ PIBID é um Programa da CAPES, desenvolvido pelas IFES (Instituto Federal de Ensino Superior).

entorno do plano piloto e possuíam dificuldades socioeconômicas que implicavam sua permanência na escola, é compreensivo que haja essa taxa de evasão escolar tão acentuada.

O outro campo da observação aqui refletido é a Escola Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, onde estagiei no primeiro semestre de 2016 pela matéria da universidade Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 2. As turmas onde ministrei minhas aulas tinham uma média de 23 estudantes por turma, sendo que a quantidade de estudantes do gênero feminino e masculino eram bastante similares, e estes tinham uma faixa etária média de 12 anos, classes de estudantes regulares para os padrões de idade/série do ensino fundamental. Nesta escola as turmas tinham uma frequência muito boa, sendo que por aula geralmente só faltavam em média 2 estudantes por dia. Aqui também a maioria dos estudantes vinham de regiões administrativas do plano piloto, mas as turmas possuíam estudantes de lugares mais diversos, e embora de classe média e classe baixa, eles não tinham tantas dificuldades socioeconômicas quanto os estudantes da escola anterior, que possuía alunos que vinham de regiões com uma presença de brigas de gangues e tráfico de drogas.

Em ambas as escolas eu trabalhei com turmas de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, na primeira série do Ensino Fundamental 2, o 6º ano. Ambas as escolas eram públicas, mas possuíam algumas diferenças entre si, a principal a ser destacada aqui foi a de que os estudantes da primeira escola vinham de um bairro com mais dificuldades socioeconômicas, e pela faixa etária destes estudantes no mesmo ano dos outros, podemos ver que estas disparidades sociais causam diferenças no desempenho escolar, no engajamento dos estudantes com o estudo e com a escola como um todo, com seus colegas, com o ensinamento, com as possibilidades de troca educativas, com a vivência escolar em geral.

Esta dificuldade de engajamento vista em sala de aula constantemente, através de manifestações explícitas de que eles, os estudantes, tinham problemas onde moravam, e não se sentiam a vontade para realizar qualquer atividade, e achavam muito do que a escola estava ensinando chato e inútil. Problemática muito difícil de ser superada, pois causa nos estudantes um distanciamento constante do momento presente e educativo, por conta de suas preocupações, desesperanças, preconceitos e estresses que eles carregam, o que coloca barreiras em seus pensamentos a respeito dos objetivos e ensinamentos escolares.

Com relação à vivência escolar e ao conteúdo que é desenvolvido nas escolas, em todas as áreas do conhecimento humano, seja nas ciências e/ou nas artes, há uma construção histórica e um desenvolvimento que chega até o agora, onde tudo se mistura. E nossos cientistas e artistas possuem seus professores. Nenhum pesquisador nasce sem professores ou influenciadores, nenhum gênio se criou do nada, todos tinham professores, pessoas e circunstâncias que os influenciaram, que incentivaram e inspiraram suas obras, mesmo possuindo uma força e capacidade autodidata fora do comum e natural para realizar algo, a capacidade de mediar conhecimentos e educação das escolas é muito importante para a formação das pessoas, ainda mais nos dias de hoje, pois cada vez mais alcança mais pessoas, e se faz necessário o acesso ao conhecimento em nossa sociedade.

A escola faz parte da cultura que existe na sociedade, e também é uma difusora cultural, e para vivermos e participarmos e nos adequarmos em uma sociedade, precisamos de certos conhecimentos e noções desta sociedade. Adquirir e estudar os conhecimentos culturais de uma sociedade nos ajuda a viver nela, a possuir certos conhecimentos necessários para a vida nesta sociedade, a ter uma capacidade crítica de pensamento, de compreensão do mundo que nos cerca, e até de nós mesmos, e a ter uma capacidade de pensar nas diversas possibilidades e em tudo que contempla uma sociedade, que é um coletivo extensamente diverso.

No entanto há a dificuldade da instabilidade social para se estabelecer este relacionamento e conexão, algo que é tanto por parte dos docentes de conseguir criar um diálogo e um ambiente de desenvolvimento inclusivo, quanto por parte dos estudantes de conseguir engajar no processo de aprendizado. A dificuldade de aprender, de se conectar, de se relacionar com o que é ensinado nas escolas, faz com que a criança crie bloqueios contra o aprendizado escolar, e também desenvolva uma falta de perspectiva sobre tudo que é ensinado e construído nas escolas, o que é algo que gera um ciclo retroativo de distanciamento dessas crianças da escola, e de ter qualquer facilidade de fluir no aprendizado com a instituição, e da instituição de conseguir alcançar estes estudantes.

Pelo que é dito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB, LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no Art. 26. §2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)”.

Embora as questões que envolvem a vinculação com o mundo do trabalho tenham um peso muito maior, vemos pelas leis de regência escolar brasileira que a presença da questão social e da arte são questões relevantes e de grande importância. São consideradas para uma educação mais humana, que leve em consideração o lado pessoal e cultural das pessoas, no entanto as leis e os direitos básicos do ser humano com relação à participação na escola e direitos básicos, no papel são uma coisa e na realidade são outra, devido a uma série de elementos interpessoais e sociais, tais como a pobreza e os problemas familiares e questões culturais até, como o fato de que a arte é uma disciplina relegada a segundo plano de importância por muitas pessoas.

A respeito dessa consideração sobre a arte na escola podemos levantar uma questão importante e geral a respeito de termos aulas de arte/teatro dentro da escola. Logo no início do livro “Jogo, Teatro & Pensamento”, de Richard Courtney (2003), há na introdução o seguinte diálogo:

Por que você ensina meu filho a fazer teatro? Perguntou um dos pais.
“Eu não quero que ele vá para o palco. ”

“Mas, nem eu quero.”

“Então, por que você não lhe ensina algo importante – como matemática ou redação?” (COURTNEY, 2003, p. XIX).

Diálogo que resume bastante sobre como é considerada e tratada a arte dentro da escola e por muitas pessoas. A questão da presença do teatro e da arte na escola é algo que vem sendo relegado à margem da educação, mas bastante discutida e trabalhada há muito tempo pelos teóricos e pensadores da arte-educação, da ludicidade e dos jogos na educação. O teatro é um jogo de interpretação de personagens e os jogos podem ser vistos de forma teatral, e muito do teatro é bastante elaborado e desenvolvido através dos jogos teatrais, sobretudo nos teatros contemporâneos, onde as peças são feitas à partir da construção colaborativa envolvendo diversas pessoas.

A educação pública se encontra em uma situação de contradição, pois envolve a dificuldade de aplicar as metas e as leis das condições apresentadas e o contato social caótico entre todos os envolvidos. Sendo assim, a educação parece funcionar como mediadora entre a realidade e um ideal, exercendo uma função extremamente difícil. Porém, respeito, responsabilidade e compreensão são engajamentos que todo docente toma para a sua carreira, e enfrenta essa realidade com seus estudantes, a escola é uma

mediadora do conhecimento, e é necessário ir atrás dos estudantes e tentar envolvê-los e alcançar uma interação educativa, apesar de todas as dificuldades.

A interação social é essencial para o desenvolvimento humano, e o ser humano possui seus processos sociais de aprendizagem, e ser inserido numa sociedade faz com que ele se desenvolva, pois o ser humano se constrói em contato com uma sociedade. Considerando a escola um ambiente social, ser inserido e conseguir interagir com ele é essencial para que ocorra uma formação escolar adequada. Elaine Rabello & José Silveira Passos em seu artigo: Vygotsky e o desenvolvimento humano, estudam a teoria de Vygotsky, e resumem de forma sucinta dizendo que esta é a: “[...] abordagem Sociointeracionista, de Vygotsky, segundo a qual o desenvolvimento humano se dá em relação nas trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação” (2017, p. 2).

O que condiz com o fato de que inevitavelmente nos relacionamos e trocamos experiências com nossos estudantes e de que precisamos conseguir interagir com eles de uma forma sadia para conseguirmos alcançar uma educação.

Acrescentando acerca da forma e das possibilidades de como o teatro pode ser realizado na escola, de como ele pode ir além de algo conteudista, José Simões diz: “[...] considerando que o objetivo do ensino de teatro na escola não seja o de reproduzir os modelos artísticos da profissão teatro” (2012, p. 19). Vemos que o teatro na escola tem mais interesse em criar e trocar relações e vivências humanas do que no fazer artístico formal e reprodutor de padrões, ou no aprendizado de um determinado conteúdo.

Embora esta difícil troca seja uma coisa complicada de ser completamente realizada, o professor tem função de mediador, e isto era algo que priorizávamos bastante nas aulas de artes teatro. Pois a arte não para de mudar e está sempre se renovando a cada instante. A arte é eternamente diversa, e os mais jovens que vão chegando também vão se colocando entre todos os outros que já existem. E o mundo artístico dos estudantes é um mundo completamente diferente do mundo artístico tanto da história da arte, quanto de uma geração antes da deles, apesar de sofrerem as influências históricas destes. Pois, nos formamos de acordo com a sociedade ao nosso redor, e a influência social é algo real e muito forte, principalmente entre classes e turmas de aula mais jovens, onde as crianças ainda não acumularam muitas vivências

em suas vidas, e não entraram em contato real com uma diversidade e vivência artística.

Com relação à diversidade e ao universo particular de cada um dos estudantes, em ambas as escolas eu percebi um certo pré-conceito entre os gostos e preferências artísticas de uns estudantes para com outros. Algo que visualizávamos facilmente quando perguntávamos quais os tipos de vídeos ou de músicas que cada um gostava de ver ou escutar. Com um trabalho de troca de conversas sobre suas particularidades, pedimos que cada um dissesse o que gostava e porquê, e nessa questão de preconceito da diversidade, elucidando as temáticas entre os gostos de cada um, nós conseguimos fazer com que os estudantes compreendessem e aceitassem melhor os gostos de cada um de seus colegas.

Embora as escolas tivessem suas diferenças, era interessante notar como em ambas as escolas os estudantes possuíam um perfil e um comportamento bastante similar, com relação a seus colegas de turma, cada um possuía um certo círculo de amizades e tinha certas dificuldades para se relacionarem entre si, cada um olhava para seus colegas de turma com um certo distanciamento, com uma dificuldade notável para interagirem entre eles, mesmo os de mesmo grupo até, tirando 1 ou 2 em cada escola, a maioria nunca havia tido qualquer aula de teatro, ou sequer ido ao teatro em algum momento de suas vidas. Apesar das diferenças entre as escolas os estudantes e os resultados das atividades foram bastante similares.

José Simões diz:

Diante da percepção de falta de importância da arte na sociedade, fica fácil compreender, por exemplo, a ausência de investimentos nas estruturas necessárias para o exercício da atividade teatral ou na compra de materiais pedagógicos para o ensino de teatro. É notória a falta de condições espaciais e logísticas para o teatro acontecer na escola (SIMÕES, 2012, p. 10).

Uma última constatação a se fazer a respeito das escolas é que ambas as escolas não possuíam espaço apropriado para desenvolvermos as aulas de teatro. O que nos obrigava a improvisar um espaço precário e bastante limitado dentro das próprias salas de aula, empurrando e amontoando as cadeiras em cantos para ganharmos o máximo de espaço possível, e em determinadas atividades onde a ideia era que todos agissem ao mesmo tempo e tivessem seu espaço para se exercitar, era

necessário adaptar a atividade e revezar os estudantes que estavam participando. A dificuldade do espaço é real, mas é possível algumas adaptações.

A sala é uma questão que gera muitas dificuldades, pois para se realizar aulas práticas de artes cênicas, é necessário um espaço, que quando é apenas adaptado de uma sala convencional não consegue ser tão eficaz quanto um espaço apropriado, eu experimentei dar aula em sala de aula afastando as carteiras ou saindo da sala para um espaço aberto livre das escolas, mas não adequados de qualquer forma, assim como seria uma sala com piso apropriado e livre de carteiras.

Em sala de aula com as carteiras afastadas nos cantos, as aulas tinham uma fluência, mas constantemente os estudantes se dispersavam mexendo em seus materiais e encostando nas carteiras e cantos, boa parte da aula é passada tendo que se chamar a atenção dos estudantes para a realização das atividades. Enquanto no espaço fora de sala, as atividades fluíam de forma muito melhor, com muito mais qualidade e interação de todos os estudantes, embora dispersões casuais devido a ocorrências, como a passagem de outras pessoas, eram coisas constantes.

Espaço não é condição determinante, mas influência na qualidade, em um espaço mais adequado, os estudantes se sentem mais a vontade para realizar as atividades, como é o caso do chão de madeira, que por suas especificidades de temperatura e conforto, ele convida o corpo desacostumado a realizar movimentos e se sentir mais a vontade.

2. PRINCIPAIS ATIVIDADES E ALGUMAS REAÇÕES OBSERVADAS

Devido ao fato de que a maioria dos estudantes jamais havia tido qualquer aula de teatro, ou mesmo ido ao teatro alguma vez em sua vida, optamos por trabalhar com exercícios bem simples, com jogos de iniciação que trabalhavam principalmente foco e concentração. Viola Spolin em seu livro *Improvisação para o Teatro*, fala sobre:

O Ponto de Concentração libera a força grupal e o gênio individual. Através do ponto de Concentração, o teatro, uma forma de arte complexa, pode ser ensinado ao jovem, ao iniciante, aos velhos, aos encanadores, professores, médicos e donas-de-casa. Ele os libera para entrar numa excitante aventura criativa, e assim dá significado para o teatro na comunidade, na vizinhança, no lar (SPOLIN, 2015. p. 20).

Conseguir realizar uma atividade imersiva e desenvolver uma capacidade de focar no exercício que está sendo realizado é um ponto básico e inicial, e é algo essencial para conseguirmos realizar uma atividade teatral com eficiência, ou seja, onde todos os envolvidos participem de forma completa.

Abaixo descrevo alguns dos exercícios teatrais utilizados com mais frequência em sala de aula e que tiveram alguns resultados notáveis:

Nome e Movimento: Sempre no início de cada aula buscávamos aplicar alguma atividade de aquecimento para trazermos os estudantes para o momento presente. Durante algumas aulas eu usei este exercício, que se baseia em formar um círculo com a turma, e em seguida, um de cada vez a partir da escolha de um estudante aleatório ou um que se disponibilize, pedir para este se apresentar dizendo seu nome e fazendo um movimento livre a sua escolha. É importante não dar dicas ou sugestões e tentar libertar o estudante para buscar dentro de suas referências e expressividade algum movimento, pois qualquer dica ou sugestão influencia de forma direta na escolha do estudante. Nome e movimento que é repetido sucessivamente, por um de cada vez dos estudantes no círculo, da forma mais similar possível ao movimento originário, e sempre dizendo o respectivo nome da pessoa que iniciou ao realizar o movimento, até chegar na pessoa que começou de volta, e assim uma pessoa ao seu lado iniciar o seu próprio outro movimento com seu nome, até todas os estudantes terem se apresentado.

É interessante notar como algumas sutilezas de entonação e interpretação e intencionalidade, e leves variações dadas por cada um modificam completamente o que o movimento passava.

Este, foi um exercício interessante e que teve uma ótima recepção, fluência e fruição em ambas as turmas que trabalhei com ele. Neste exercício a turma pode conhecer uns aos outros e se expressar de uma forma pessoal, sincera e livre, criando um ambiente propício para uma exploração cênica mais livre, com pessoas mais livres para o exercício e trabalho cênico.

O exercício iniciou um desenvolvimento de interação e comunicação entre os estudantes, e foi impressionantemente bem recebido, pois cada um colocou um pouco de si e se viu de diversas formas e possibilidades sendo interpretado pelos outros estudantes. A participação de todos foi muito boa.

Bola Invisível: Este é um exercício simples e prático, que se inicia também em uma dinâmica de círculo e é dividido em duas etapas. Primeiro de uma forma mais física, onde entregamos uma bola pequena para a turma, ou qualquer outro objeto que possa ser jogado entre os estudantes, e pedimos para que eles jogassem a bola de uns para os outros sem deixá-la cair no chão, até que a bola passe por todos, e se a bola cair, o jogo recomeçava, e assim vai até que a bola passe por todos sem cair.

Este jogo é um exercício coletivo de conexão, atenção, foco, agilidade, estado de prontidão, atenção, e concentração entre uns e outros, é importante ressaltar que tem que se formar uma conexão e foco entre o estudante que está jogando e o estudante que está recebendo a bola, que caso não esteja atento, pode vir a deixar cair a bola, ou o próprio arremessador deve trocar rapidamente de receptor.

O objetivo é iniciar de forma simples uma dinâmica e uma interação entre todos, para que se possa passar para exercícios cênicos com mais complexidade, o que acontecia naturalmente. O exercício pode evoluir para o estudante que arremessa a bola, correr e ficar ao lado de quem recebeu, e sucessivamente este jogando e arremessando para outro e indo para o lado deste próximo, assim trocando de lugar uns com os outros. Também é uma possibilidade que este exercício seja realizado com duas ou mais bolas sendo arremessadas ao mesmo tempo, o que acrescenta mais dificuldade e faz com que eles exercitem um foco múltiplo, pois têm de ficar atentos cada vez mais, e prestar atenção caso alguém esteja querendo jogar a bola para eles, assim tendo que se manter preparado para receber a bola a qualquer instante.

Trabalhar com este exercício da bola imaginária foi algo difícil, pois muitas vezes houveram estudantes que se dispersavam por ter que ficar esperando receber a bola, ou se dispersavam pela dificuldade que alguns tiveram em arremessar e receber a bola, alguns foram até desistindo e desanimando com a dificuldade recorrente dos outros, isso em ambas as turmas trabalhadas.

Exercício que parecia simples de ser realizado, mas que teve uma grande dificuldade de interação, pois são trabalhados de forma interativa e coletiva o foco, a disponibilidade e a atenção de cada um. É interessante que pode ser notada a necessidade de uma cooperação de ambas as partes, tanto na recepção quanto no arremesso para que este exercício dê certo, e também que há um desenvolvimento na realização do mesmo, onde alguns tinham muitas dificuldades. Foram melhorando,

aprendendo e se desenvolvendo, e exigindo dos outros uma melhora também, uma situação interessante que foi percebida em sala de aula. E também foi possível notar que em turmas menores, com menos estudantes presentes, este exercício foi realizado com maior facilidade, enquanto em turmas com mais estudantes ficava cada vez mais difícil criar uma conexão entre todos, pois cada deslize de cada um fazia com que o exercício se prolongasse e gerasse um certo desgaste e dispersão entre os estudantes, e era nesse ponto que seguíamos em frente e modificávamos o exercício, sendo possível trabalhar em grupos e com plateias, dependendo do espaço da sala.

Com as mesmas regras do exercício anterior, mas com uma bola imaginária e invisível, que pode ser modelada para qualquer forma, uma bola maior, uma lança, uma pétala, uma bola de futebol sendo chutada, um beijo no ar, uma energia lançada, uma caixa, ou qualquer outra coisa que o estudante possa imaginar, é bastante interessante explorar essa capacidade de criar possibilidades que cada um possui de forma livre, estes exemplos foram algumas das possibilidades exploradas pelos estudantes das turmas, e as mímicas foram muito boas. O objetivo é passar a bola por todos sem deixar cair, sem perder o foco de quem lançou o que, como e para quem, e tem que haver uma interação entre ambas as partes de quem passa, para quem recebeu e como recebeu. Isso tudo tem que ser bem claro e nítido nas movimentações e nos olhares entre os envolvidos. O exercício se torna uma brincadeira quando todos começam a explorar de forma lúdica as suas possibilidades e dar liberdade para sua imaginação e conseguir ver o que cada um está propondo para cada um. Sugerir que eles lancem sons juntamente com os movimentos nos leva ao próximo jogo, que era realizado intercaladamente com o da bola invisível.

Zip-Zap: Zip-Zap é um exercício/jogo onde a turma é colocada em círculo com as mãos a frente do corpo e com as palmas juntas, e dizendo “ZIP!” juntamente com uma batida de palmas e apontando com uma das mãos para um outro estudantes a sua frente você lança o foco do exercício (a bola imaginária invisível) para este outro estudante. O “Zip!” não pode ser lançado para quem está ao seu lado, logo a sua esquerda ou a sua direita, se for ser lançado para uma pessoa adjacente, ou seja, logo à esquerda ou à direita, o estudante espalma as mãos na sua frente, na direção e para o estudante desejado, dizendo “Zap!” e apontando para alguém logo a sua esquerda ou a sua direita. E assim você passa o foco do exercício para este estudante, e ainda dizendo “Reflete!” e cruzando os braços a frente do corpo, o estudante devolve o foco do

exercício para quem lançou para ele. O objetivo é alcançar uma fluidez e rapidez, onde o exercício de torna dinâmico e uma brincadeira. O exercício pode evoluir para uma livre expressão onde cada um livremente acha uma forma de jogar o foco do exercício, seja atirando com um arco e flecha, com um assopro, com um estilingue, apontando o dedo, ou como a imaginação de qualquer um se deixar ir, mas sem deixar de dizer “Zip!”, “Zap!” e “Reflete!”.

Em primeira instância foi interessante como em todas as turmas que eu estava acompanhando me receberam bem e gostaram das novidades que eu estava propondo. Estes exercícios conseguiam alcançar níveis de brincadeira entre os estudantes que faziam com que eles interagissem de uma forma muito espontânea e divertida, e mantendo o foco no exercício como se mergulhassem em uma brincadeira educativa e lúdica, interativa e social, onde eles trocavam expressões próprias uns com os outros de forma saudável.

Os exercícios tinham um planejamento e uma sequência, que em cada escola caminhava para um lugar, pois dentro da proposta dos meus estágios, uma delas era seguir o currículo e o conteúdo do planejamento da escola. Como realizar convergências e trabalhar conteúdos de artes visuais com exercícios de artes cênicas? Realidade que encontrei na prática cotidiana. Entretanto, a observação me mostrou que seria adaptando os exercícios e as expressividades plásticas ao trabalho cênico, algo que é bastante possível e bom de ser realizado. Historicamente as artes cênicas são uma novidade dentro de muitas escolas, e estas não possuem um planejamento nesta área, precisando ser ampliada para ser compreendida e respeitada.

Mas dentro do planejamento desses exercícios iniciais que foram aplicados em todas as turmas que trabalhei, o planejamento foi algo que apesar de sempre possuir e forçar numa direção, muitas vezes eu via que a turma estava realizando bem ou mal algum trabalho, e deixava que eles conduzissem de forma livre os trabalhos deles, propondo mudanças e explorando com liberdade sua vontade de expressão, pois todos os exercícios tinham suas variações e adaptações de acordo com as improvisações sugeridas no dia, com um aumento de dificuldade ou por sugestão de qualquer um dos participantes.

Passando estes exercícios cênicos, desde os primeiros dias de aulas, eu percebi que havia uma questão importante na nomenclatura dada, pois o que normalmente eu

dizia ser um jogo teatral, estava sendo entendido como uma brincadeira onde não se tinha um foco ou algum desenvolvimento, no entendimento por parte dos estudantes.

É interessante notar algo que eu fui constantemente questionado pelos estudantes sobre o porquê de se realizar um jogo teatral em sala de aula, sobre a objetivação de cada um dos jogos que eram colocados, e quando o exercício se tornava corporal demais, como aquecimento com alongamentos, eu era indagado que não havia necessidade de se realizar exercícios físicos de trabalho corporal, pois já havia as aulas de educação física para se treinar o corpo.

Como a maioria dos estudantes nunca tinha entrado em contato com aulas de teatro, os primeiros contatos com um trabalho de expressão corporal e cênica exigia deles uma quebra com o cotidiano, e assim eles tinham, apesar de serem bastante criativos, uma dificuldade de se propor a realizar os exercícios.

Apesar dos próprios estudantes considerarem os exercícios como algo fácil de ser realizado, era interessante como eles mudavam de opinião no decorrer do exercício quando viam a dificuldade da realização de todo o grupo, e quando eles mesmos erravam, o que fazia com que os estudantes se engajassem para cumprir a tarefa.

Houve uma dificuldade para fazer com que eles entendessem os exercícios e mantivessem a concentração dentro dos jogos propostos. A dispersão foi algo constante quando eles começavam a não levar com concentração o exercício, daí vem uma questão importante, o fato de que é necessário também desenvolver a disciplina. Levantar o ponto de que é uma aula, e de que o que está sendo proposto são exercícios com um foco, não apenas uma brincadeira livre, apesar de criar a dinâmica do jogo e da brincadeira, é algo com regras e objetivos, apesar de intentar alcançar uma fluência natural.

Estes exercícios foram realizados em ambas as escolas e obtiveram resultados bastante similares.

Os jogos teatrais em sala de aula são uma questão que sempre venho me perguntando quando não têm alguma temática. Me pergunto se o exercício cênico quando não se finaliza em uma montagem é algo vazio ou se pode acrescentar algo nas

condições de um treinamento e exploração da expressividade nos estudantes. Questão que vou discutir mais adiante.

Outra questão foi como deve ser a postura de um docente diante de alguns dos problemas que surgiram como a dispersão e a falta de vontade por parte de alguns estudantes que acaba recaindo sobre os outros? Uma postura firme perante a aparente inanição dos estudantes, a exigência que é necessária para se conseguir coordenar uma turma e uma sala de aula, seria suficiente?

3. JOGO E TEATRO E LUDICIDADE NA SOCIEDADE E NA ESCOLA

Logo no prefácio do livro *Homo Ludens*, Johan Huizinga destaca a importância dos jogos para a construção da cultura humana, e diz: “é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve” (2010, p. VII).

A importância do jogo para o desenvolvimento humano, enquanto civilização acumuladora de cultura, é uma característica intrínseca e necessária. Tendo o jogo essa característica essencial na cultura, e podendo trabalhá-lo através do teatro, e sendo o teatro um jogo, uma brincadeira de faz de conta, onde trabalhamos toda a nossa expressividade, onde cabem todos os outros jogos dentro, podemos dizer que o teatro e seus jogos é um dos maiores possibilitadores e desenvolvedores de cultura que o ser humano já entrou em contato.

É difícil falar de arte e da expressividade do ser humano sem cair em um mundo metafísico, e, em termos, eu acredito que desenvolvemos mecanismos como o jogo, o teatro, e o fator lúdico em tais atividades, para conseguirmos criar uma sociedade civilizada, onde encontramos um preenchimento para a vida, onde nos acolhemos para darmos sentido a vida, onde encontramos uma saída pacífica para a violência e selvageria natural da vida e nos tornarmos seres mais civilizados, e onde nos refugiamos para expressar nossas questões mais íntimas e internas, sejam elas quais forem.

O teatro e o jogo se assemelham bastante em suas essências, como podemos ver nesta conceituação de jogo de Johan Huizinga:

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo

regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana (HUIZINGA, 2010, p. 34).

Todo jogo pode ser visto de uma forma teatral, assim como todo teatro pode ser visto como um jogo, como um embate de forças e uma atividade sendo realizada de determinada maneira dentro de um espaço tempo.

A definição de jogo e sua semelhança com o teatro são complexas, assim como a manifestação lúdica, mas o jogo e o teatro estão bastante conectados, e atualmente podemos ver isso quando vemos as aberturas dos jogos olímpicos, celebração que é um verdadeiro ritual teatral simbólico.

Mas levando mais em consideração os jogos teatrais, pois foi meu foco de trabalho em sala de aula, vemos que assim como o jogo, os exercícios teatrais também são uma atividade que: “se insinua como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização” (HUIZINGA, 2010, p. 12).

E essa realização autônoma dessa atividade é a base para se criar um ambiente interativo e participativo e gerar a manifestação lúdica, que é algo inerente ao jogo e à atividade teatral e essencial para o desenvolvimento humano, pois nutre nossa capacidade expressiva, nossa imaginação, e nossa cultura. Pois, “sendo o teatro uma real imagem do real, nossa capacidade imagética é muito importante dentro disso” (BOAL, 2008, p. 233).

Nossa capacidade de ter uma imaginação fértil e imagética está diretamente relacionada com nossa capacidade expressiva. E quando falamos de teatro na escola é fácil fazer uma associação com Augusto Boal (2008), que trabalha com uma proposta teatral altamente engajada em nos fazer pensar, em libertar a mente, em nos dizer que nós podemos falar, participar e ter voz, e isso é essência e parte fundamental da formação dos estudantes na escola. Augusto Boal (2008) traz uma proposta polêmica que protesta na realização teatral, que toca em temas conflitantes de uma forma bastante sensível, clamando para que pessoas socialmente enrijecidas e oprimidas se repensem e se abram, algo de grande repercussão, que tem como objetivo instigar a opinião pública e os seus espect-atores (termo que ele usa para se referir a todos os

presentes durante a atividade, e que podem participar da mesma) presentes a ter uma reação a esses temas em seus desdobramentos. E com esse objetivo de discussão social e de trocas e experimentações humanas, também pode ser o jogo teatral na escola.

Na segunda escola onde ministrei um bimestre inteiro do ano letivo, cheguei a aplicar uma atividade do teatro do Oprimido de Boal, relacionando com reciclagem. Eu criei uma situação para a turma onde eu jogava uma embalagem de salgado no chão e saía andando, e pedi para eles como espectadores reagirem a esta cena da forma que eles considerassem como mais correta. Primeiro, um dos estudantes pegou a embalagem e arremessou em mim gritando broncas e ofensas, e logo minha reação foi proporcionalmente negativa dizendo que não ligava e para ele ter mais educação. Em segunda instância, uma estudante pegou a embalagem e jogou no lixo sem falar nada para mim, algo bastante correto, mas que não gerava uma situação de conscientização social, então repeti a atuação e por último um dos alunos resolveu chamar minha atenção e dizer com calma que eu havia jogado a embalagem no chão, algo que foi respondido por mim, no papel de uma pessoa que não liga para essas coisas, de forma indiferente, mas que foi retrucado por ele com uma simples despedida, onde ele mesmo jogou no lixo a embalagem, mas encarou o contato social da melhor forma possível, mesmo não tendo um resultado plenamente agradável. A atividade teve uma boa discussão e gerou uma boa discussão na sala de aula e ainda por cima também, algumas risadas com as especulações sobre como eles reagiriam vendo essa situação, ou seja, houve a manifestação lúdica. O teatro mostrou sua potencialidade não só na resolução de problemas, mas também na pluralidade de possibilidades e significados.

A manifestação lúdica nos jogos teatrais aparece na representação, e na demonstração, e na exploração da expressividade, ampliando margens pessoais de fala, como palavras e vocábulos para a linguagem falada, e também para nossa capacidade de comunicação corporal, muito presente a todo instante em nossas vidas.

Assim como as tecnologias da linguagem falada e escrita se modificam e evoluem, assim também a nossa linguagem e capacidade comunicativa se transforma e evolui, se modifica e se aprimora de acordo com a nossa necessidade e vontade comunicativa, criando novos símbolos, novos sinais, como o sinal feito com os dedos da mão fechados e com o dedão levantado, que significa que algo está Ok!. Sinal que é um vocábulo difundido mundialmente por vias atuais como o Facebook, e que significa que algo está bom, que está tudo certo, mas que dependendo de como se

demonstre pode significar também, ironicamente, que não está tudo bem, nem tudo certo, ou seja, em tudo há teatro, há interpretação, há mudanças e entonações em tudo, a todo instante.

Ângela Barcellos Café em seu artigo *O Lúdico e Jogo na escola: mais que uma estratégia* escreve sobre o assunto e diz: “Os profissionais da arte, sobretudo das artes cênicas, exploram essa ampliação do universo cultural dos alunos, por suas especificidades” (2013, p. 9). Argumento que colabora com a ideia de que as aulas de teatro e jogos teatrais na escola são ótimas formas de trabalhar o desenvolvimento do aluno.

Apesar do ser humano ser adaptável, o fator lúdico é essencial e inerente ao processo do seu desenvolvimento, tendo uma importância fundamental para a civilização. Podemos fazer paralelos com o mundo animal, de outros animais que brincam, que utilizam brinquedos, dançam, e fazem teatro em suas encenações. Podemos ver que muitos animais brincam em sua infância, mas essas atividades se tornam escassas em sua vida adulta, no entanto, o ser humano, vai além disso e mantêm a dança, o jogo, e o teatro, e também a brincadeira.

A presença lúdica é algo essencial ao ser-humano. E o jogo possui o fundamento lúdico, e estes são, respectivamente, uma atividade feita em um momento e um momento de uma atividade, estão plenamente entrelaçados. O aspecto lúdico é um dos benefícios que os jogos teatrais em sala de aula podem oferecer, as atividades cênicas são um dos campos ou espaços para a vivência ou manifestação do aspecto lúdico, que tem uma grande importância tanto social quanto cultural para o desenvolvimento do ser humano.

Há um arrebatamento em uma ação, onde somos levados a fazer algo diante de um impulso, algo vibrante que surge dentro de nós derivado de uma atividade, e acredito que todas as pessoas tenham necessidade de ter sentimentos e expressão deles e de envolvimento com algo, e o jogo-teatral é plenamente capaz de proporcionar estas necessidades.

Heráclito (2017) antigo filósofo grego pré-socrático disse que: "o conflito é o pai de todas as coisas: de alguns faz homens; de alguns, escravos; de alguns, homens livres", e assim como pai de todas as coisas, rege as histórias e também rege o jogo, pois na essência do jogo há um objetivo, há algo a ser cumprido, há uma diretriz a ser

seguida e explorada com toda a liberdade possível e ampliável. No jogo dramático há a harmonia na performance cênica, a harmonia é também uma característica dos jogos, pois quando se quebra a regra do jogo, se quebra a harmonia do mesmo, assim como no teatro, pois são as regras a base criadora e harmônica do jogo, algo estabelecido a ser atingido. A harmonia no teatro é o encaixe entre a proposta e a realização, entre o que se quer realizar e o alcançado, uma atuação harmônica, seria uma atuação que seja condizente com a proposta do que se queria passar com determinada atuação, e também um desenvolvimento nisso, pois possui um conflito, uma das bases do jogo. No jogo e no teatro há a regra, embora exista a plena liberdade de exploração da mesma, como diz Huizinga: “Primeira das características fundamentais do jogo: o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade” (2010, p. 11).

E é essa característica primordial do jogo que buscamos alcançar, o fato dele ser livre, apesar de ter regras e atingir diversos ânimos que são as manifestações lúdicas dentro da atividade, que são como se fossem onde extravasamos nosso ser e temos uma dose de catarse. Com os jogos teatrais em sala de aula acontecem estes momentos de brincadeira o tempo todo, e como quase qualquer atividade proposta, como quando alguém expressa algo de uma forma bem-feita ou algo engraçado e todos os presentes sorriem e se empolgam com a atividade e são levados naturalmente a se envolverem com o que estão fazendo.

E o que é o teatro senão uma expressão da liberdade humana de transpor até a si próprio dentro de um jogo, de uma evasão da vida cotidiana para um universo onde podemos ser tudo que imaginarmos, como um faz de conta. Como quando você diz para uma criança para ela fazer de conta, e ela compreende que se trata de uma brincadeira diferente do que as coisas realmente são durante nosso cotidiano. Por exemplo, se você diz que uma garrafa de plástico é um foguete, a criança sabe que aquela garrafa não é um foguete de verdade, mas a garrafa se torna uma representação de um foguete real e com as mesmas propriedades de um foguete, e até mais se possível, existe uma seriedade e regras dentro do jogo. É um foguete, e as regras e possibilidades do brinquedo são as mesmas que as de um foguete, embora livre e passível de mudança também. No jogo há uma liberdade com regras, mas que pode ser ampliada, o que torna tudo tão instável, e é preciso levar o jogo e a brincadeira à sério para conseguirmos vivenciá-lo. Há uma filosofia muito bonita por trás dos jogos!

Assim como a criança, o ator também se entrega no "jogo" da representação teatral, tendo noção de sua natureza e de suas regras, ele sente e vê o mundo além, diferente do que é normalmente vivido, e dessa forma, dentro dessa realidade, nós historicamente fizemos as pinturas nas cavernas, e assim também fizemos os rituais teatrais ancestrais que originaram o teatro, sobre isto Huizinga diz: “[...] é no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primevo do jogo” (2010, p. 7).

O ser humano desde os tempos mais primitivos tem uma necessidade de expressão, devido a sua diversidade de sentimentos e questões internas, e sua necessidade de coloca-los para fora. Onde fizemos os rituais teatrais e as pinturas nas cavernas, mas até esses rituais teatrais e essas pinturas são representações do real e de suas questões internas, são, de certa forma, um jogo, um faz de conta, uma brincadeira, que está completamente relacionada com a vida, o famoso jargão de que a vida se mistura na arte e a arte se mistura na vida é o que melhor explica esse acontecimento, este fenômeno que a arte é.

Todas as sociedades e culturas tinham suas formas de teatro, e jogo. Um exemplo de relatos artísticos culturais do pensamento lúdico nas sociedades antigas é o quadro “Brincadeira de Rapazes”, de Peter Bruegel, de 1563, mostrando, ou indicando ao menos, que a presença e a diversidade do jogo e da manifestação lúdica em uma sociedade antiga é diversa e abrangia a todas as pessoas de uma determinada sociedade. (CAFÉ, 2005).

Durante o tempo as atividades lúdicas foram se transformando e uma questão é o enlatamento, o embotamento e o empobrecimento de conteúdo dos produtos prontos, o que acaba empobrecendo a cultura, o mundo de possibilidades, a criatividade, e até mesmo, a capacidade da vivência lúdica de algo. Quando um corpo lúdico e brincante se estagna, diminui-se uma capacidade humana, tanto de expressividade pessoal quanto cultural.

Durante a história da humanidade vemos relatos e pinturas e descrições de sociedades antigas que tinham seus jogos, brinquedos e brincadeiras que englobavam toda a sociedade, não só as crianças e os jovens, mas também os adultos. A Cultura foi se transformando e durante alguns períodos como os períodos da revolução industrial

passou por uma existência e uma modificação drástica que se modifica ao longo dos tempos.

Desses gêneros de ocasiões durante a história da humanidade, foi onde se deu a valorização e urgência do trabalho na formação das cidades, e na selvageria capitalista de exploração intensa, quanto mais produzir, melhor. E essa intensa valorização e intensificação no trabalho diminui a importância dos jogos e atividades lúdicas, o que chegou a mudar o pensamento a respeito de tais questões, coisa facilmente notada no diálogo de exemplo citado anteriormente, na desvalorização da arte na escola.

Essas transformações ao longo dos tempos, foram indicando que o jogo e a ludicidade fossem considerados como coisas de criança, pois não possuem capacidade de produção e utilidade na expansão mercantil industrial, e/ou na sociedade capitalista da atualidade, ou seja, não interessam ao novo modelo (CAFÉ, 2005).

Hoje sabemos que a questão da faixa etária improdutivo e que faz coisas improdutivoas, ao contrário de antes, já é vista como um grandessíssimo espaço a ser explorado.

Com a intensa exploração dos trabalhos as pessoas foram se tornando mais regradas e objetivas e sendo relegadas a um tempo e espaço específico, se voltando mais para o mundo do trabalho do que qualquer outra coisa, e nesse período também se iniciou o surgimento da educação formal, que foi altamente influenciada por essas ocasiões da época, lidando com as pessoas de uma forma distante, muito mais maquinal, como seres funcionais e úteis, do que como seres humanos que possuem necessidades de expressão e inseridos em uma cultura.

O que gerava um pensamento completamente deturpado a respeito do ser humano e conseqüentemente uma educação prejudicial para qualquer indivíduo inserido em uma educação desse gênero. E o que é prejudicial para o indivíduo, pois lida com ele como apenas uma máquina programável para executar uma atividade, e sendo assim também prejudicial para a sociedade, para a civilização, para o desenvolvimento humano, e assim também prejudicial para toda uma capacidade expressiva e cultura.

E isso é algo que podemos ver em muitos lugares de nossa sociedade e educação atual, uma valorização intensa do trabalho e uma relegação dos momentos

lúdicos a momentos que forem livres, uma desvalorização do lúdico em detrimento do mundo do trabalho, sendo fácil ver alguém dizer que não tem tempo para brincadeiras.

Num geral, eu não acredito houve um passado melhor, sempre foram instantes e classes, e questões de emergências mundiais conturbadas e conflituosas, por exemplo, o plebeu de antigamente, assim como o plebeu de hoje, continua tendo que trabalhar intensamente para suprir a sociedade. Mas hoje com o tempo, estamos reconhecendo a necessidade e importância da presença da manifestação lúdica em nossas capacidades expressivas e culturais, que já existia naturalmente há muito tempo, mas que foram diminuindo e recebendo momentos específicos para sua manifestação.

Podemos observar um caráter cíclico da história aí, mas pensar sempre na melhora é algo essencial. Não podemos nos prender em um passado difícil, apesar de suas glórias eventuais, e temos que ver que agora, ainda, existem muitas sociedades que estão vivendo uma desvalorização lúdica e conseqüente diminuição dos espaços para sua manifestação, desconsiderando a importância da mesma para o desenvolvimento humano e cultural e de uma civilização.

Todas essas questões que condizem com a arte e tem a ver com o desenvolvimento humano, da civilização e da cultura, são completamente compatíveis de serem trabalhadas em sala de aula, exatamente com essa mesma força. Pois há a estreita ligação entre o jogo e a cultura, e uma das forças da arte é nos fazer bem, e experimentar coisas novas, nos engrandecer culturalmente.

4. SOCIABILIDADE, HABILIDADES INTERPESSOAIS

Os desenvolvimentos da fala e da comunicação são de extrema importância para o desenvolvimento da inteligência, e são competências educacionais desenvolvidas nas artes cênicas, onde podemos trabalhar a capacidade comunicativa do ser humano, o desenvolvimento e o trabalho da fala

Foi interessante notar que em todas as escolas que eu estive presente, os estudantes tinham dificuldades de se soltar e de se expressar nas atividades desenvolvidas. Uma das qualidades positivas que o teatro pode oferecer é a aquisição de desenvolvimentos interpessoais. A experiência lúdica com o jogo teatral, com a

brincadeira que o jogo teatral pode proporcionar, ajuda a pessoa a desenvolver uma personalidade e capacidade de liberdade de expressão.

Os jogos também possuem a capacidade de integrar um grupo e dar uma interação e um desdobramento social entre os estudantes, o que é excelente para se criar um ambiente educativo, pois a harmonia do grupo causa o crescimento de todos os indivíduos do mesmo.

Entrar em contato com a nossa própria pessoa nos colocando dentro de um teatro é algo que nos gera um processo de autoconhecimento e possibilidades. Processo essencial para um desenvolvimento de compreensão social e de nossa presença no mundo, como seres inseridos, influenciados e mesclados em uma sociedade.

Com o tempo e através da realização das atividades observei que os estudantes foram adquirindo mais espontaneidade na realização das mesmas. E conversando sobre o que eles pensavam das atividades proporcionava uma troca de pontos de vista entre eles e uma compreensão maior sobre uns e outros.

Qualquer pessoa que tenha sua expressividade trabalhada consegue ser mais eficiente socialmente, e não somente para transmitir mensagens, mas também em qualquer questão social e pessoal. Ter uma desenvoltura para saber se expressar, elaborar e verbalizar suas opiniões é algo importante em muitas áreas, como é o caso de pessoas que procuram aulas de teatro para quebrar barreiras psicofísicas e adquirir algumas capacidades de oratória, para conseguirem se apresentar diante de audiências com mais facilidade. A atividade cênica é socialmente valorizada e importante nesse sentido, no trabalho de nossa capacidade expressiva.

É fundamental para uma educação saudável mantermos um ambiente onde todos estejam envolvidos em aprender e ajudar uns aos outros nos processos de aprendizagem. Pois é bom que o aprendizado seja percorrido pelos estudantes de maneira ampla, o que, no entanto, pode ser dificilmente realizado, considerando as tendências na educação formal de focar as atividades educativas em métodos tradicionais com base em exercícios pragmáticos e repetição de diversos conteúdos, perdendo assim a capacidade da educação de desenvolver diversidade cultural e criatividade.

A participação e consideração do estudante dentro da educação é essencial para criarmos uma educação onde todos realmente aprendam algo ou saiam com algo que lhes seja válido em suas vidas, a autonomia é essencial para a aprendizagem (FREIRE, 1996).

A curiosidade e a imaginação do ser humano são potenciais que ele possui naturalmente e que podem ser estimulados com exercícios, mas são direcionados de uma forma precária nas instituições formais de educação, e assim, a maioria de nós perde o desejo por um aprendizado amplo e diverso. Assim, a educação se torna algo maçante, chato, sem sentido, sem objetivo, sem fundamentação para muitas pessoas. No entanto as aulas de arte teatro podem fazer com que as pessoas entrem em contato novamente com o lado criativo delas.

A prática teatral pode proporcionar o enriquecimento de características e capacidades pessoais, através da quebra de enrijecimentos, o que nos leva a um aprimoramento pessoal intelectual diverso, uma educação e formação dinâmica e ampla, uma educação para se ter consciência de si e opinião crítica a respeito do mundo que nos cerca. Vivenciar uma experiência construtiva criativa é algo que expande as capacidades de criação de um individuo, mostrando que ele tem em si também a capacidade de realizar diversas atividades humanas de forma autônoma, que todos têm a possibilidade de desenvolver essas capacidades dentro de si, e que precisamos de estímulos que nos ajudem a trabalhá-las.

O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-autor porque o próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isto causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo – ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos (SPOLIN, 2015, p. 5).

Em outras palavras o jogo pode estimular a curiosidade e a imaginação de muitas formas e ser uma boa forma de desenvolver diversas potencialidades que possuímos.

Além dos desenvolvimentos de coordenação verbal e corporal os jogos teatrais podem proporcionar uma vivência criativa que explora as potencialidades pessoais, trabalhando a expressividade e ampliando margens culturais, e agindo como uma

atividade envolvente possuem momentos lúdicos, que tem o potencial de fazer com que o ser humano se torne íntegro com ele mesmo e com sua sociedade. Pois o aspecto lúdico é intrínseco e de grande importância para o ser humano.

Portanto, podemos concluir que a manifestação lúdica é uma vivência que contribui para o desenvolvimento de um pensamento dinâmico e perceptivo e favorece a vivência de experiências diversificadas, o que proporciona uma compreensão maior de sua visão sobre o mundo com aumento de capacidade de criação.

5. MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Me chamou a atenção o fato de que a realização de atividades teatrais tem uma influência no desenvolvimento neurológico, sendo uma atividade com um grande potencial.

Este novo e verdadeiro diálogo – e não um monólogo a dois – unindo teatro e neurociência é fruto de alguns acontecimentos que destacamos aqui: o desenvolvimento tecnológico na área da imagem médica e da pesquisa microbiológica, a prática da tolerância científica, a revolução neuroplástica, a descoberta dos neurônios espelhos e o progresso do estudo neurocientífico das emoções. (CALVERT, 2014, p. 234).

O autor explica que através dos neurônios espelho somos capazes de observar alguém, algum movimento ou mesmo emoção, e nos colocar na posição desta pessoa, experimentando em nós mesmo, de forma interna e até fisicamente estimulante, aqueles movimentos, e quando temos essa movimentação em nós, esse processo gera uma onda de referências mais forte e nos proporciona um exercício mental.

A arte é uma expressão humana concretizada em uma estética, e é onde o ser humano pode colocar parte do que ele é e mostrar para outras pessoas, de uma forma poética e abstrata. O fazer teatral possui esta força que já há muito tempo é vangloriada por teóricos e artistas, hoje sabemos cientificamente o quanto e como isto afeta nossa mente e nosso estado. Os avanços científicos proporcionaram possibilidades de reconhecer fatos que muitos teóricos teatrais já vinham estudando há muito tempo. A descoberta científica a respeito dos neurônios espelho e da neuroplasticidade que possuímos foram questões que vieram para comprovar a capacidade engrandecedora que muitos teóricos já vinham dizendo a respeito do teatro.

Ao admitir que tanto os estímulos vindos do meio ambiente como os estímulos puramente mentais são capazes de provocar mudanças estruturais e funcionais das conexões entre os neurônios, a neurociência está não somente restituindo à medicina uma esperança relativa à sua prática clínica, como também está permitindo o reconhecimento do poder terapêutico de práticas alternativas e não medicamentosas. É o caso das psicoterapias em geral e de toda atividade artística, esportiva, lúdica ou pedagógica. É a prática do teatro, pelo fato de ser capaz de mobilizar e integrar todas as faculdades humanas (motricidade, cognição, emoções, percepção sensorial etc.), já está sendo admitida, pelo menos por uma parcela da comunidade neurocientífica, como uma atividade potencialmente neuroplástica, isto é, estruturalmente transformadora (CALVERT, 2014, p. 235).

O ser humano possui limites, e vivemos em uma sociedade que nos leva a focar em determinadas atividades e diminuir nossas amplas capacidades. O que faz com as pessoas fiquem culturalmente diminuídas ou envoltas em rótulos enlatados e específicos daquilo que elas normalmente vivem, e os jogos teatrais podem nos libertar para uma consciência de que certos sentimentos provocam mudanças em nossa corporeidade, e que mudanças em nosso corpo provocam certos sentimentos, exemplos claros disso são as curvaturas na coluna e na respiração, que podemos exercitar e libertar no teatro.

O fato de que podemos nos reestruturar internamente e suscitar liberações emocionais em nosso organismo através de exercícios físicos, de jogos teatrais que trabalham com respiração, postura e expressão facial, e pelo que eles proporcionam, é algo que revela uma grande potencialidade a respeito dos jogos teatrais. Explorar nossas emoções de forma consciente pode nos desenvolver de muitas formas.

As respostas fisiológicas das emoções são, basicamente, compostas por alterações do sistema nervoso autônomo (O sistema nervoso autônomo é responsável pela regulação de todas as funções fisiológicas que não estão sob o controle consciente, como, por exemplo, os batimentos cardíacos e as secreções pelas glândulas sudoríparas), variações das taxas de descarga hormonal e modificações na produção de neurotransmissores (Os neurotransmissores são substâncias químicas liberadas pelos neurônios e que agem sobre os receptores situados na membrana celular de outros neurônios. A dopamina e a endorfina são exemplos de moléculas atuantes na neurobiologia das emoções) (CALVERT, 2014, p. 239).

As potencialidades renovadoras, libertadoras e estimulantes à respeito da prática teatral podem ser utilizadas de diversas formas, seja para reforçar nossas características positivas e comunicativas, e estimular nosso desenvolvimento social,

emocional, intelectual e cerebral, ou mesmo como uma medida meditativa e terapêutica.

As influências de nossas emoções em nossa capacidade cognitiva são reais e podem surgir de forma espontânea através de conexões neurológicas. No entanto através dos jogos teatrais podemos recriar estas conexões e criar novas conexões de uma forma controlada. Trabalhar estas possibilidades é algo que nos traz bem estar mental e emocional, pois o cérebro é um músculo e exercitá-lo é necessário para mantê-lo saudável.

O conceito de inteligência humana é algo que já foi discutido de muitas formas durante a história da humanidade, hoje, de acordo com diversos artigos científicos, assumimos que a inteligência é múltipla, ou seja, existem diversos tipos de inteligências para diversos tipos de atividades, como: a linguística, a lógica-matemática, a espacial, a musical, a sinestésica, a interpessoal, a intrapessoal e a naturalista. Cada indivíduo possui uma configuração pessoal destas inteligências, o que se dá pelos fatores que formam cada um de nós, basicamente, genética e tendências pessoais, e sociedade e vivências. Compreendemos que estas inteligências não funcionam de forma isolada, elas estão sempre relacionadas, e sabemos que podemos estimular, trabalhar e desenvolver cada uma destas inteligências nas pessoas. “A utilização de jogos pedagógicos pode favorecer e auxiliar o desenvolvimento das diversas inteligências e auxiliar o processo de ensino-aprendizagem.” (FORTALEZA & CONSOLARO, 2005, p. 648). Sendo assim, compreende-se que uma educação que desenvolva o ser humano de uma forma múltipla, e o faça explorar e desenvolver suas potencialidades, e dar uma formação para os estudantes mais completa e ampla, onde eles possam desenvolver seu potencial individual, é essencial para seu pleno desenvolvimento.

Considerando esse aspecto, desenvolveu-se a atividade lúdica com foco na experimentação, na criatividade, na interação, no entrosamento e na integração. Tendo em mente que apesar das atividades e brincadeiras serem consideradas como atividades não-escolares, a sua relevância para o desenvolvimento cerebral humano é de grande importância, pois o universo lúdico do estudante é conectado a sua relação com o mundo e com a escola. Um ambiente descontraído, onde há um diálogo fluido entre todos, cria a mediação necessária para que haja uma troca educativa e o professor

possa conseguir estimular o aprendizado nos estudantes. Com base em Almeida (1978), Fortaleza e Consolaro afirmam:

Através do jogo a criança experimenta o mundo, testa novas possibilidades, troca de papéis, expressa desejos e fantasias ampliando seu universo. É também por meio do jogo que se revelam a autonomia, a originalidade, a possibilidade de ser livre, de inventar e de poder expressar o próprio desejo convivendo com as diferenças. A criança tem maneira de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias, e a aprendizagem não ocorre senão através de uma conquista ativa. (2005, p. 649).

Os jogos possuem uma capacidade de criar interesse, ânimo e trocar experiências de forma livre e autônoma, e também são capazes de despertar um pensamento ativo. Além disso, estimulam de forma variada e enriquecedora o pensamento que contribui para uma formação mais completa do ser humano, e incentivam entrar em contato com o próximo e a compreensão do mesmo, além de criar novas conexões neurais através dos estímulos sensoriais e atividades diversificadas, o que trabalha e mantém ativo o cérebro, e melhora o raciocínio como um todo, pois o aumento das conexões neurais facilita a passagem dos impulsos nervosos e o raciocínio e o aprendizado como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jogos teatrais em sala de aula ajudam a ter uma saúde mental e estimulam cerebralmente os estudantes. O professor de jogos teatrais é um facilitador de aprendizagem, e também um influenciador e mediador cultural. Pois quando uma pessoa está plena, isto melhora seu funcionamento cerebral e amplia suas margens cognitivas, otimizando nossa potencialidade mental, trabalhando a mente de uma forma múltipla e diversa.

Sendo assim, as aulas teatro ajudam na construção de uma personalidade culturalmente e intelectualmente mais elaborada e diversa, criativamente desperta para a pluralidade de nós mesmo e do mundo ao nosso redor.

Vivemos em um mundo imerso no teatro, embora não consideremos como tal e raramente percebemos isso. As pessoas estão a fazer teatro a todo instante, em suas

reclamações, em seus momentos de expressão entre suas amigas, em seus vídeos e até mesmo fotos e textos tão difundidos pelas mídias sociais.

Além da potencialidade de realização e desenvolvimento pessoal. Um dos poderes da arte é nos elevar espiritualmente, e assim ela pode ser também na escola.

Quando o aluno vê as pessoas e as maneiras como elas se comportam quando juntas, quando vê a cor do céu, ouve os sons no ar, sente o chão sob seus pés e o vento em sua face, ele adquire uma visão mais ampla de seu mundo pessoal e seu desenvolvimento como ator é acelerado. O mundo fornece o material para o teatro, e o crescimento artístico desenvolve-se par e passo com o nosso reconhecimento e percepção do mundo e de nós mesmos dentro dele. (SPOLIN, 2015. p. 4).

E também podemos dizer que o teatro oferece material para conhecimento e ampliação da visão de mundo cultural e expressivo de cada uma das pessoas que são envolvidas por ele.

Estudar e relatar minha experiência com o teatro nas escolas foi, para mim, bastante interessante, serviu para elucidar de forma bastante embasada todo o fazer teatral dentro da escola, e ter a compreensão de sua ampla potencialidade e capacidade. O que irá me ajudar em minha carreira profissional dentro das escolas, pois tendo meus objetivos e possibilidades de trabalho em sala de aula mais definidos e cientes eu posso ter um domínio e uma noção maior do que e como desenvolver o trabalho na escola de forma mais apropriada.

Com uma noção maior sobre as potencialidades do trabalho cênico em sala de aula, e utilizando jogos buscando alcançar uma manifestação lúdica, poderei instigar nos estudantes o pensamento criativo e a capacidade expressiva artística, elementos essenciais e fundamentais de uma educação diversa e humana.

Instigar a criatividade e a veia artística de uma forma ampla e diversa cria seres pensantes com uma visão maior sobre o mundo, e pessoas que possuem estas capacidades podem melhorar o mundo ao seu redor e tornar nossa sociedade e cultura maiores, o que é de grande importância para todos nós.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*, 11ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAFÉ, Ângela Barcellos. *O lúdico e jogo na escola: mais que uma estratégia*. Brasília: Encontro sobre aprendizagem lúdica –UnB- Faculdade de Educação, Auditório Dois Candangos – De 29 de novembro a 1 de dezembro/ 2013.

COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro & Pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 2003, 2. Ed. 2 Reimpressão.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996 – 25ª Edição.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2010. -6. Ed.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2013. 7ª edição – 2ª reimpressão.

SPOLIN Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

WEBGRAFIA

BRASIL, CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional. LDB. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> no dia 24 de setembro de 2017.

CALVERT, Dorys Faria. *Teatro e Neurociência: o despertar de um novo diálogo entre arte e ciência*, Université de La Sorbonne Nouvelle Paris 3 – Paris, França. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 223-248, maio/ago. 2014. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/43298/29221>> no dia 27 de junho de 2017.

FORTALEZA, Sandra Maria. & CONSOLARO, Marina Mancini. *Estimulação das múltiplas inteligências por meio de jogos educativos em crianças da 3ª. Série. 2005*. Disponível em

<www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%2010/estimulacao.pdf> no dia 27 de junho de 2017.

HERÁCLITO. Trecho disponível em <<https://www.pensador.com/frase/NTQyMDY0/>> no dia 27 de junho de 2017.

JUNIOR, José Simões de Almeida. *Reflexões acerca do estágio curricular na formação do professor licenciado em teatro*. Disponível em <www.scielo.br/pdf/edur/v29n2/aop_139.pdf> no dia 27 de junho de 2017.

RABELLO, Elaine. & PASSOS, José Silveira. *Vygotsky e o desenvolvimento humano*. Disponível em <<http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>> no dia 27 de junho de 2017.